

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ISABEL FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE
PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Campinas

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA ISABEL FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE
PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício no Município da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-
requisitos para a conclusão da Licenciatura em
Pedagogia, sob a orientação da Professora
Luciane Oliveira.

Campinas

2006

© by Maria Isabel Ferreira, 2006.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Ferreira, Maria Isabel

F413i A importância das relações afetivas entre professor e aluno no ensino e aprendizagem / Maria Isabel Ferreira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-400-BFE

A todos aqueles que
contribuíram direta ou

indiretamente para que o meu sonho se realizasse.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter colocado em minha trajetória de aquisição de conhecimentos, pessoas capacitadas e dispostas a contribuir com o aperfeiçoamento de um grupo de professores os quais estiveram em busca do mesmo. São estes: Assistente Pedagógico, Professores, Orientadores e Coordenadores do Curso. E a todos quantos acreditaram na seriedade do Curso Proesf (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas).

Ainda a Deus, pelo ânimo e destreza por ter vencido mais uma etapa em minha vida. Onde foi necessário romper barreiras, vencer o cansaço para a concretização de um sonho.

A meus pais José Alves (*in memoriam*) e Venceslina Santos Ferreira, pela vida que me deram.

A meus irmãos Maria Aparecida, Carlos José, Cleodon, Paulo César e José Carlos pelo incentivo a retomar os estudos.

A tia Vilma, por várias vezes ocupar-se dos afazeres domésticos sozinha para que eu pudesse realizar os trabalhos requisitados pelo curso.

A todas as colegas de classe que durante esses três anos de curso contribuíram para a ampliação de meu aprendizado. Entre estas destacando as colegas: Neide Lucinete, Isabel e Lina pela afinidade, coleguismo, compreensão e a influência em minha formação.

Finalmente aos professores e alunos com os quais trabalho, por serem parte fundamental da minha constituição enquanto profissional e ser humano.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do árbitro, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção.

Encara-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. MINHA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO SER HUMANO: MEMÓRIAS.....	10
1.1 Iniciando o Ensino Primário.....	12
1.2 O trabalho nas indústrias.....	14
1.3 Cursando o Ginásio.....	15
1.4 Formação Secundária.....	18
1.5 Iniciando a carreira do Magistério.....	19
1.6 O ingresso na Universidade (Unicamp).....	21
2. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS AFETIVAS VIVENCIADAS EM SALA DE AULA.....	23
2.1 A importância da afetividade no ensino e aprendizagem.....	28
2.1.1 Conhecendo o próprio corpo.....	30
2.2 Paulo Freire e sua contribuição para com a educação.....	33
2.3 Vivenciando os ensinamentos de Paulo Freire.....	34
2.4 Freire e a educação de Jovens e Adultos, considerando a interferência do emocional na aprendizagem.....	35
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	43

APRESENTAÇÃO

Eu não sou você. Você não é eu. Mas sei muito de mim, vivendo com você. E você, sabe muito de você, vivendo comigo? Eu não sou você. Você não é eu. Mas encontrei comigo e me vi, enquanto olhava para você: Na sua, minha insegurança; Na sua, minha desconfiança; Na sua, minha competição; Na sua, minha birra infantil; Na sua, minha omissão; Na sua, minha firmeza; Na sua, minha impaciência; Na sua, minha prepotência; Na sua, minha fragilidade doce; Na sua, minha nudez aterrorizada. E você, se encontrou e se viu enquanto olhava para mim? Eu não sou você, você não é eu. Mas foi vivendo minha solidão, que conversei com você. E você conversou comigo na sua solidão, ou fugiu dela, de mim e de você? Eu não sou você. Você não é eu. Mas sou mais EU, quando consigo lhe ver, porque você me reflete no que EU ainda sou, no que já fui, e no que quero vir a ser... Eu não sou você, você não é eu. Mas somos um grupo enquanto, somos capazes de, diferencialmente EU ser EU, vivendo com VOCÊ e VOCÊ ser VOCÊ, vivendo comigo.

(Eu não sou você, você não é eu”- de Madalena Freire)

É assim que gostaria de iniciar este memorial, deixando bem claro nos versos de Madalena Freire a necessidade da co-existência professor-aluno. Somos necessários um ao outro, dependemos positivamente, um do outro. Cresceremos juntos nessa convivência. Acredito que a partir do que vou relatar, o leitor também crescerá, pois é parte da minha história, construída através do contato de histórias alheias, as histórias dos alunos, das escolas, da minha família, dos meus locais de trabalho, dos autores que subsidiaram este memorial.

Assim sendo, no decorrer deste trabalho pretendo relatar fatos que marcaram a minha vida e contribuíram para constituir-me enquanto ser humano, os quais vão desde minha infância, passando pela adolescência e finalizando na fase adulta.

Essa trajetória foi marcada por momentos inesquecíveis, pois foi um período de aprendizado, ensinamentos, ganhos, perdas, renúncias, lágrimas, emoções, competições, tristezas e alegrias.

Discurso também a respeito do primeiro contato com a leitura e a escrita, isto é, o curso primário – como era designado nos anos 60. Não deixando de comentar a época que cursei o ginásio, onde adquiri experiência e amizades significativas que colaboraram para a

construção de um novo saber, os quais foram úteis e necessários porque vieram a somar com os conhecimentos que obtive no curso de magistério.

Faço comentários referentes às minhas profissões antes de atuar no magistério, enfocando a mudança radical que houve em minha vida profissional.

É com entusiasmo que relato o início da carreira do magistério e considero pertinente descrever algumas experiências ocorridas em sala de aula com alunos e professores. Finalmente o retorno aos estudos aproveitando a oportunidade oferecida pela Unicamp, através do convenio feito com a Prefeitura de Campinas para que os professores da região pudessem participar do curso de Pedagogia do Proesf.

A escolha do tema afetividade para a realização deste trabalho foi devido a sua importância na relação professor-aluno de onde decorre o aprendizado.

Durante a leitura da bibliografia pude observar que alguns filósofos defendiam a idéia de que havia uma possibilidade de separação entre razão e emoção, ou seja, inteligência e afetividade. Essa linha de pensamento serviu de base para vários comportamentalistas colocarem em segundo plano o lado emocional do sujeito. Por outro lado, outra corrente de pensadores defende outro ponto de vista. Afirmam que através de pesquisas e análises realizadas, seria comprometedor fazer uma divisão entre saberes racionais e saberes emocionais, isto é, emoção e cognição.

WALLON (1978), reconhece na vida orgânica as raízes da emoção, sendo assim nos traz contribuições significativas acerca da temática. Debruçou-se sobre a dimensão afetiva criticando a teoria clássica.

PIAGET (1962) afirma não existir estados afetivos sem elementos cognitivos. Nessa perspectiva o papel da afetividade para ele é funcional, na inteligência: é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. E, esclarece que FREUD também concorda que o afeto e a cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade embora em proporções variáveis.

Para VYGOTSKY (1988) a presença do adulto dá a criança, condições de segurança física e emocional que a levam a explorar mais o ambiente e, portanto, a aprender. Por outro lado à interação humana envolve também a afetividade, a emoção como elemento básico.

Os estudiosos acima mencionados, entre outros defendem a idéia de que a emoção e a razão estão interligadas entre si.

Na realidade é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação “tête-à-tête” (LEITE E TASSONI, 2002, p. 129).

Isso significa que a afetividade não se restringe apenas no contato físico entre professor e aluno.

1. MINHA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO SER HUMANO: MEMÓRIAS

Nasci em uma cidade do interior de São Paulo – São Joaquim da Barra. Morei em outros lugares que faziam parte da mesma região. Durante essa etapa de minha vida, que fora desde o meu nascimento até os oito anos de idade, os únicos saberes adquiridos eram resultados de experiências junto aos meus familiares e amigos.

Venho de uma família simples. Meu pai teve várias profissões: foi lavrador, pescador, garimpeiro, dono de pensão, pedreiro e pequeno comerciante. Minha mãe trabalhava como cozinheira na Santa Casa, da mesma cidade, mas às vezes deixava de trabalhar para cuidar os seis filhos: eu sou a penúltima. Éramos pequenos e necessitávamos de cuidados. Não podíamos ficar sozinhos porque meus irmãos eram muito arteiros.

A educação que recebíamos de nossos pais era de acordo com o nível de instrução dos mesmos, pois ambos tinham cursado até a terceira série do primário (hoje ensino Fundamental). Não eram letrados¹, mas tinha o saber proveniente das experiências vivenciadas em seus cotidianos.

¹ Letramento: De acordo com SOARES (2003), o letramento é um fenômeno de cunho social, e salienta as características sócio-históricas ao se adquirir um sistema de escrita por um grupo social. Ele é o resultado da ação de ensinar e/ou de aprender a ler e escrever, e denota estado ou condição em que um indivíduo ou sociedade obtém como resultado de ter-se “apoderado” de um sistema de grafia.

Aos sete anos de idade fui morar com minha avó: eu e meu irmão caçula, que naquela época tinha quatro anos de idade. Os demais ficaram com minha mãe pelo fato de meu pai ir pra São Paulo em busca de um trabalho melhor com o objetivo em oferecer maior conforto, segurança e cultura aos seus filhos.

Com o passar do tempo ele conseguiu um emprego modesto como faxineiro de um prédio no centro da cidade de São Paulo (Bela Vista). Alugou uma pequena casa em Santa Clara, bairro em desenvolvimento cuja vizinhança era composta por imigrantes espanhóis, italianos, alemães, além de famílias que migraram do nordeste brasileiro.

Assim que ele conseguiu se estabilizar reuniu novamente todos os seus filhos. Nessa época eu morava em uma pequena cidade do interior de São Paulo, divisa com o estado de Minas Gerais, chamada Colômbia. Mas, como nem tudo na vida sai como planejamos, para surpresa do meu pai minha mãe não quis acompanhá-lo e nem permitiu que nós fossemos também. Senti aí minha primeira perda, pois eu o amava muito. Chorava desesperadamente ao vê-lo partir com os meus outros quatro irmãos mais velhos. Não teve outro remédio a não ser continuar morando com minha avó.

Ao chegar em São Paulo, meu pai matriculou meus irmãos na escola para continuar o primário. José Carlos já estava com quatorze anos, então foi trabalhar em uma empresa próxima da casa onde morava. Minha irmã mais velha, de dezesseis anos fez um curso de corte costura e tomava conta da casa. Eu recebi notícias através de cartas que amenizavam a dor, mas aumentava a saudade.

Lembro que ao ouvir a música sertaneja “Poço da Estrada”, da dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, corria para o quarto chorar escondida da minha mãe. Até hoje quando ouço esta música, choro ao lembrar desse pedaço da minha infância.

O tempo em que vivi em Colômbia não só foi repleta de experiências desagradáveis, mas de momentos que considero marcantes e inesquecíveis. Ainda tenho em mente todas as brincadeiras que fazíamos, eu, meus irmãos e amiguinhos, no vasto quintal arborizado dos fundos da casa de minha avó.

Enquanto minha avó lavava roupa para fora, de onde vinha o nosso sustento, brincávamos de pega-pega, imitávamos os artistas de um circo instalado naquela cidade. Por conta disso quase quebrei o pescoço ao me pendurar de cabeça para baixo em um galho de

uma goiabeira. Escorreguei e cai batendo a cabeça no chão. A dor que senti foi tão grande que resolvi encerrar minha carreira de trapezista.

Minha tia Vilma era solteira e gostava de me levar em seus passeios. Íamos ao circo, quermesse, viajávamos para Minas Gerais visitando parentes. Ela era costureira e quando chegava o carnaval, costurava minhas vestes para o evento e lá íamos nos divertir nas matinês.

Nessa época eu já tinha mais de sete anos, mas não frequentava a escola. Via minhas colegas de uniforme a caminho do colégio e sentia uma enorme vontade de aprender a ler e a escrever, mas minha mãe e minha avó diziam que eu era muito pequena e que deveria esperar mais um pouco para iniciar meus estudos.

Então eu me contentava com as lindas histórias que minha avó contava. Aprendi a cantar e recitar pequenos poemas com ela, também. Foi assim que iniciei o meu contato com o universo literário.

Minha família sempre foi católica, então assim como a maioria das crianças de minha idade que residiam em Colômbia, iniciei o catecismo. As freiras e catequistas permitiam que manuseássemos os livros que continham figuras e pequenos textos. Acredito que esses fatores contribuíram para desenvolver minha criatividade e aguçar a curiosidade e a vontade de aprender a ler e a escrever.

Esse desejo veio a se concretizar algum tempo depois. Em 1961 meu pai retornou àquela cidade para nos buscar e para nos levar-nos a São Paulo. Foi um momento de dor, pois me vi obrigada a separar-me da minha avó, mãe, tia e amigos. A tristeza que estava em meu coração aos poucos cedeu lugar a alegria ao rever meus irmãos e compartilhar com eles esta emoção. Sentia-me assustada e ao mesmo tempo encantada com o tamanho e o movimento da cidade de São Paulo.

Com o passar dos dias aconteceu algo que me deixou chateada. Fiquei sabendo que o bairro onde morávamos havia poucas escolas. Por esse motivo muitas crianças, inclusive eu, ficaríamos aguardando por vagas. Nesse espaço de tempo minha irmã mais velha, Maria Aparecida, que já terminara o primário, me ensinava a escrever meu nome, as letras do alfabeto e formar sílabas e palavras. Mais tarde, também me orientava nos deveres

de casa. Isso contribuiu para que eu não desanimasse e acreditasse que valia a pena esperar, e enquanto eu esperava por uma escola, aprendia com minha irmã.

1.1 Iniciando o Ensino Primário

Em 1962, o bairro onde morava ganhou uma escola: “Escola Estadual de Primeiro Grau Dr Joy Arruda”. Eu estava como nove anos de idade quando ingressei pela primeira vez na série inicial do primário.

Esse foi um momento único em minha vida. Estávamos felizes: eu e meus irmãos, pois até que enfim íamos aprender a ler e escrever de verdade. A escola era grande, tinha dois andares e um pátio amplo junto à moradia do caseiro.

No início funcionavam apenas quatro salas e com o passar do tempo a escola foi recebendo mais alunos. Minha primeira professora chamava-se Dona Elza. Ela era rigorosa, mas comprometida com o trabalho. No primeiro dia de aula após as apresentações e a conversa informal entre professor e alunos, nos deu algumas atividades para verificar o nível de conhecimento de cada criança para a partir daí pudesse elaborar as atividades que viessem a atender as necessidades individuais da classe. E assim o tempo foi passando até a terceira série sem problemas. Eu interpretava e produzia textos. Recordo-me que as minhas composições juntamente com as de outras alunas sempre eram expostas no mural organizado pela professora. Mas, quando passei para a quarta série, embora estivesse maior só queria brincar não dando a devida atenção para os estudos. Eu gostava muito de ouvir músicas do Roberto Carlos, Elvis, Beatles, Elis Regina, Gilberto Gil, Chico Buarque entre outros, porque era a época da jovem-guarda. O meu interesse em músicas fez com que ficasse retida nesta série.

O medo de apanhar era tanto que resolvi esperar a poeira abaixar para dar a notícia à minha família. No dia da formatura uma amiga foi até minha casa pedir o meu uniforme emprestado. Meu pai disse ser impossível empresta-lo porque eu também deveria usá-lo naquele dia, afinal era o dia da formatura. Conclusão quando meu pai ficou sabendo levei uma bronca e só não levei uma surra porque já havia passado alguns dias. Foi um alívio.

Eu adorava ler gibis, revistas, contos de fadas, menos os livros didáticos adotados pela escola. Meu pai quando saía do trabalho passava nas bancas de jornal e trazia este tipo de leitura para nós e algumas revistas usadas que ganhava como Cruzeiro, Manchete, Seleções, Realidade entre outras.

Lembro-me que após o jantar meu pai lia e contava histórias para nós, pois não tínhamos televisão. Era raro quem a possuísse na rua onde morava, por isso a nossa distração da noite era: a leitura, as conversas informais ou ouvir programas musicais e os melodramas através do rádio.

Bem, no ano seguinte retomei os estudos com mais seriedade e concluí o primário. Foi um momento de satisfação para mim e minha família, pois naquela época nem todas as pessoas tinham o primário completo.

A educação que recebi era tradicional. Sentávamos uns atrás dos outros, em fileiras. Éramos ouvintes passivos e a professora era a dono do saber e transmissora dos conhecimentos. As atividades propostas vinham prontas e não induziam os alunos a pensarem ou formularem hipóteses, pois as questões formuladas pela professora eram fechadas cabendo uma única resposta que era dada de maneira mecanizada. Não havia espaço para questionamentos ou troca de idéias. As escolas tinham como meta à preparação de mão-de-obra para as indústrias. Operários robotizados, trabalhadores em série. Cada indivíduo fazendo apenas aquela pequena parte de um todo impossibilitando a visão do geral e a solução de algum problema se viesse a acontecer. Eram treinados única e exclusivamente para desempenhar aquele papel. E assim eram facilmente controlados. Controle esse que reflete a política educacional da época em muito influenciada pelo capitalismo.

PARO (1999) afirma que a educação como é entendida e realizada hoje, é produto de longa evolução histórica e traz a marca das contradições sociais e dos interesses políticos em jogo na sociedade. Taylor, por exemplo, tentou imprimir às pessoas a mesma precisão e regularidade das máquinas, por isso o termo “controlados”, acima mencionado.

Acredito que os educadores procuravam dar o melhor de si, mas infelizmente obedeciam cegamente a um sistema de governo repressor e autoritário, sobretudo porque se espera a conscientização de que nem todos os processos produtivos são compatíveis com um comportamento tão mecânico do ser humano e que o ser humano não pode ser tratado mecanicamente.

1.2 O trabalho nas indústrias

Terminado o primário não dei continuidade aos estudos, pois resolvi trabalhar. Com quinze anos fui empregada em uma malharia. Fiquei alguns meses, mas não me adaptei com o trabalho.

Passado algum tempo fui trabalhar em uma indústria de pentes, prendedores e espelho. Trabalhei na linha de produção. Um trabalho cronometrado e por isso cansativo. Permaneci nesta indústria quase dois anos, mas como era mal administrada foi à falência. Perdi o emprego e não recebi meus direitos, mesmo levando os meus patrões à justiça.

Isso me mostrou que a maioria das vezes o poder fica mais nas mãos da classe dominante, mas nem por isso desisti da idéia de trabalhar, porque precisava ajudar financeiramente o meu pai.

No ano de 1971 já estava com dezoito anos e fui trabalhar numa confecção de equipamento de segurança, através de uma vizinha. Lá trabalhei por treze anos. Era auxiliar de costura. O trabalho era exaustivo e exigia muito esforço para cumprir as quantidades solicitadas de produção.

Durante este período conquistei várias amizades importantes para o meu retorno à escola. Essas colegas também tinham interrompido os estudos pela necessidade em ajudar a família economicamente, mas felizmente chegamos à conclusão da falta que o mesmo fazia para o nosso futuro. Intuitivamente fui percebendo no dia a dia, a importância dos laços afetivos no processo do meu processo educativo. WALLON (1978), por exemplo, atribui à emoção – “*que como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva*” - um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.

1.3 Cursando o Ginásio

E assim retornei à escola e matriculei-me na quinta série no período noturno. Durante os quatro anos obtive novos saberes através dos conteúdos e das aulas ministradas pelos professores.

As nossas amizades, as trocas de experiências, os trabalhos em grupos e as atividades extraclasse ajudaram a ampliar os conhecimentos obtidos até então.

O regime ditatorial ainda continuava rígido. Havia muito medo, muita violência. Os militares criaram um instrumento jurídico que praticamente estabeleceu e regularizou a tortura, a censura, a repressão política, a cassação de mandatos e o estabelecimento de um sistema bipartidário que suprimia quase que totalmente qualquer resquício de democracia que ainda existisse. As escolas não usufruíam autonomia na elaboração de seus currículos, e a abertura reservada as mesmas era superficial. As aulas de Educação Moral e Cívica se encarregavam de embutir na cabeça dos alunos o civismo, o amor à pátria, a obediência. A história era transmitida de uma forma romântica obscurecendo fatos, cegando os educadores para a barbárie do militarismo que exilavam os políticos, estudantes perseguidos e torturados até a morte em alguns casos.

Comecei a compreender as mensagens contidas nas letras das músicas de Chico Buarque:

Hoje você é quem manda / Falou, ta falado / Não tem discussão (...) Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a escuridão / Você que inventou o pecado / Esqueceu-se de inventar / O perdão' (CHICO BUARQUE, 1970).

E, de Gilberto Gil aos quais me referi anteriormente. Elas alertavam o povo utilizando os meios que tinham – o verbo, a melodia, impedidos pelas autoridades, impedidos de expressarem-se livremente:

Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço / A Bahia já me deu régua e compasso / Quem sabe de mim sou eu - aquele abraço! / Pra você que meu esqueceu - aquele abraço! / Alô, Rio de Janeiro - aquele abraço! / Todo o povo brasileiro - aquele abraço! Aquele Abraço (GILBERTO GIL, 1970).

Recordo-me de muitos programas de rádio e de televisão que eram censurados e não podiam ir ao ar, por terem cenas consideradas pesadas e outros por incomodar a classe

dominante ao revelar a realidade dos fatos. Vários professores ministravam suas aulas vigiadas por policiais a fim de inibi-los e ao mesmo tempo tomar conhecimento dos conteúdos transmitidos determinados pelas autoridades.

Devido ao regime militar repressivo, as escolas conseguiam manter os alunos mais acomodados. Não havia tantos vandalismos e atos de violência dentro ou fora das instituições, embora o sistema educacional não se preocupasse em formar cabeças pensantes, mas, seres estáticos.

Atualmente em 2006 exercita-se a democracia diariamente, os alunos têm mais liberdade para estarem expondo suas idéias e os professores a organizar e ministrar suas aulas como menos timidez. Sinto que nem todas as pessoas usufruem maneira adequada da liberdade que têm em mãos. Vejo que se perdeu o controle. Os alunos estão agressivos, depredadores envolvendo-se me brigas de gangues, etc.

Ainda assim acredito que a educação é um dos caminhos que dá condições ao indivíduo de constituir-se enquanto ser humano e tornar-se um agente com competências de mudar os rumos de uma sociedade onde os direitos dos menos favorecidos são estabelecidos de maneira horizontal e não vertical, isto é, camuflado dentro das normas elaboradas por uma parcela de uma elite dominadora.

No ano de 1978 fui vítima de uma perda irreparável: a morte de meu pai. A saída repentina de nossas vidas, de uma pessoa que foi ao mesmo tempo pai e mãe e dentro de sua simplicidade nos ensinou a trilhar os caminhos da honestidade, do respeito, da perseverança, a acreditar em Deus e em nós mesmos. Nessa ocasião a maioria dos meus irmãos, já estava casados. Só restou eu e um irmão mais velho.

Ficamos morando sozinhos, então no ano de 1985 mudamos para a cidade de Cosmorama, interior de São Paulo, a convite do nosso irmão José Carlos Ferreira. Este irmão nos incentivou a cursar o magistério, sendo por isso uma pessoa muito importante e decisiva para a minha volta aos estudos e hoje estar atuando como professora.

Resolvi, então a reservar um espaço neste memorial e fazer um breve relato de seu perfil como forma de agradece-lo e ao mesmo tempo homenageá-lo. Pois bem, retrocedendo,

José Carlos² era adolescente quando meu pai percebeu sua inclinação para as artes. Matriculou-o, então em uma escola de desenho artístico. Sua habilidade aflorou ainda mais: desenhava paisagens que pareciam ter vida, combinava cores e suas formas transmitiam paz para a alma daqueles que contemplavam-nas.

Mas sua formação não estava completa: tinha apenas o curso primário e assim resolveu cursar o supletivo ginásial e colegial. Fez faculdade de matemática em Votuporanga, São Paulo. Frequentou vários cursos dentro da carreira militar. Aos poucos foi se graduando. Aposentou-se como major. Conclui o curso de desenho projetista. Deu aulas de desenho e aulas de recuperação em matemática em uma entidade religiosa como voluntário.

No final de 2005 prestou um concurso municipal para ocupar o cargo de Conselheiro Tutelar. Foi feliz e passou em primeiro lugar. Hoje atua nesta área. Os demais irmãos são da mesma forma, excelentes pessoas, embora não tenham podido obter nível de formação como o José Carlos um grande incentivador e por isso tão citado por mim.

Encerrou-se aí uma etapa da minha vida com algumas perdas e muitos ganhos que me preparou para seguir sempre em frente, galgando degrau a degrau. Desta maneira conclui o ginásio e passei para minha formação secundária.

Nesta oportunidade, obtive orientações em como usar da sensibilidade para trabalhar com a criança, isto é, saber preparar e dosar as atividades para que se tornem coerentes à idade, nível cultural da clientela, etc.

As aulas eram enriquecidas com as pesquisas e os seminários orientados pelos educadores, que apontavam as bibliografias pertinentes entre elas: Piaget, Vygotsky, Freud entre outros. O estudo sobre a criança realizado desta forma foi enriquecedora, pois esteve calcada na troca de informações durante os debates, ampliando minha visão docente. Esse conjunto de saberes, portanto, contribuíram para nortear o caminho que eu seguiria assim que assumisse uma sala de aula.

² José Carlos meu irmão, era metalúrgico, trabalhava durante o dia e estudava de noite. Terminou o curso e a sua formatura foi um orgulho para a família. Pena que não pode dar continuidade aos seus sonhos, pois não tinha dinheiro para montar um ateliê. Resolveu, então ingressar na Polícia Militar e logo depois se casou e constituiu uma linda família.

1.4 Formação Secundária

Continuando a falar de minha formação secundária e reafirmando a influência deste irmão, acima citado, cursei o primeiro colegial com muita dificuldade em algumas matérias como matemática, química e física que me levaram a optar pela carreira do magistério. Estudei, portanto na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau José Manoel Lobo”, mas devido alguns problemas particulares não pude continuar meus estudos naquela instituição, pois me mudei para São José do Rio Preto. Lê terminei o terceiro ano e novamente fui morar em outra cidade – Barretos - onde conclui o quarto ano de magistério em 1989.

Ao longo desse período obtive diversas informações necessárias e importantes para minha formação como docente. Esses conhecimentos resultaram das aulas ministradas pelos professores, trabalhos individuais e coletivos, seminários, pesquisas e outras experiências em sala de aula, onde os mesmos me orientavam em como usar a sensibilidade para trabalhar com as crianças, isto é saber preparar e dosar atividades pedagógicas que estivessem coerentes com a idade, nível social e cultura de cada clientela que futuramente eu estaria lidando.

As aulas eram enriquecidas com pesquisas e seminários orientados pelos educadores, os quais indicavam-nos leituras de filósofos, psicólogos e educadores como Piaget, Vygotsky, Freud e outros, pois estes abordavam temas pertinentes aos assuntos que vinham ao encontro dos meus interesses e expectativas, como o desenvolvimento da criança.

Essa troca de informações foram valiosas durante os debates e acredito que somaram, pois as minhas experiências ficaram mais amplas e sólidas.

Os professores nos orientavam também, à respeito de como fazer um planejamento flexível que pudesse estar atendendo as peculiaridades individuais e locais. Esse conjunto de saberes contribuíram para nortear o caminho que seguiria assim que assumisse uma sala de aula.

1.5 Iniciando a carreira do Magistério

Ao terminar o magistério não consegui lecionar, pois não tinha nenhuma pontuação ou tempo de serviço, por isso continuei trabalhando como auxiliar de costura em uma confecção de jeans. Mesmo sabendo que começar seria difícil e conseguir uma classe não seria imediato, fiquei abatida, mas não desanimei. Eu tinha certeza que chegaria o momento no qual eu exerceria a profissão que escolhi.

Saí então, em busca de todas as oportunidades que surgissem, mas enquanto isso não acontecia, continuei trabalhando como auxiliar de costura em uma confecção de jeans.

Na década de noventa a rede estadual abriu concurso regional. Entusiasmada li alguns textos como forma de me preparar e prestei o concurso em Ribeirão Preto para trabalhar em Barretos. Obtive a classificação número 247, mas para minha decepção chamaram até o número 240. Eu estava ciente que o início dessa carreira era assim mesmo. Sabia que se eu ficasse naquela região seria difícil eu exercer a profissão, pois a cidade era pequena e a demanda superava as vagas existentes. Resolvi, então sair de lá para ir morar em um lugar maior e que me oferecesse oportunidades para a carreira que havia me preparado.

Em 1991 mudei-me para Campinas e logo consegui um emprego, mais uma vez em confecção de roupas finas. Em 1992 prestei o concurso realizado pela Prefeitura de Campinas para trabalhar na Fundação Municipal de Educação Comunitária de Jovens e Adultos, a FUMEC. Minha classificação foi em quadragésimo sétimo lugar. Fui contemplada com uma sala de aula logo na primeira chamada, assumindo em 20 de agosto de 1992 na Escola Municipal Floriano Peixoto, na Vila Orosimbo Maia.

Neste mesmo ano assumi uma classe de quarta série em uma escola da rede estadual, Escola Estadual Professor Orlando Carpino. A partir desse momento passei a trabalhar em dois períodos, confesso que estranhei um pouco a mudança de profissão, pois chegava o momento de colocar em prática, a teoria obtida. Eram dois extremos: de manhã lecionava para crianças cheias de energia e muito falantes, carentes emocionais e financeiramente, com diferentes níveis de aprendizado, o que exigia muito de mim que deveria atender às necessidades, trabalhar de maneira diversificada.

No período da noite, a clientela era formada por jovens e adultos, que em sua maioria vinha direto do trabalho para a escola e por conta disso chegavam cansados, com fome e sonolentos. Esses fatores serviam de empecilhos para um melhor aproveitamento. A falta de material adequado e de acordo com a realidade desses alunos fez com que eu fosse em busca de soluções alternativas no preparo de atividades que viessem sistematizar aqueles conhecimentos, isto é, a leitura do mundo que eles tinham até então.

Os grupos populares citados por Freire (2000) constituíam a minha sala de aula e, portanto eu deveria me lembrar sempre de usar suas experiências para o aprendizado deles, conforme o que se segue:

Como educador preciso “ir lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seus contextos imediatos e do maior de que é parte. Não posso de maneira alguma nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feita. É a sua explicação do mundo de que faz a compreensão de sua própria presença no mundo. É isso que vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo”, que precede sempre a leitura da palavra (FREIRE, 2000 p. 08).

O meu ingresso na Fumec permitiu que me enfronhasse cada vez mais aos temas da educação popular lançada por Paulo Freire, como por exemplo, que todo professor ensina os conteúdos, mas isso não deve ocorrer de forma mecânica, muito claro quando se refere em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

(...) uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora, é trabalhar contra a força que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade, injusta, necessária ao movimento dos dominadores. E defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra (FREIRE, 1969, p. 36).

A partir daí passei a refletir minhas vivências não só como professora, indivíduo e aprendiz de uma educação libertadora.

Isso indica que não se deve menosprezar o que os alunos trazem para o ambiente escolar. É com essa vivência e a partir dela que nós professores elaboramos os objetos de

estudo, pois assim o aluno sente maior afinidade e assim realiza o aprendizado de maneira prazerosa.

Esse período de minha adaptação serviu de experiência para que eu pudesse crescer e compreender melhor meus alunos. A partir deste envolvimento com os alunos pude observar como o emocional interfere no aprendizado dos mesmos.

O aluno com auto-estima baixa, sente-se inferior, inseguro, incapaz refletindo em seu rendimento escolar e de acordo com alguns autores “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente uma interação entre pessoas, portanto na relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (LEITE E TASSONI 2002, p. 127).

Com isso fica evidente que alguns adultos enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não é fácil abstrair e generalizar; sofrem inúmeros medos e problemas de relacionamento com outras pessoas. É prudente, todavia não se concluir que todo aluno com problema de aprendizagem escolar seja anormal.

1.6 O ingresso na Universidade (Unicamp)

Ao terminar o magistério não pude dar continuidade aos estudos porque os cursos superiores eram caros e em Barretos as instituições de ensino superior eram todas particulares.

Após minha vinda para Campinas e atuando como professora fazia os cursos de capacitação oferecidos pela rede pública estadual e municipal. Sentia a necessidade em estar aperfeiçoando-me profissionalmente.

Foi este, o momento em que achei conveniente aproveitar a oportunidade oferecida pela Universidade de Campinas (Unicamp) aos professores para cursar Pedagogia. Para freqüentar o curso deixei minha classe onde lecionei por doze anos e me removi para o período da tarde. Atualmente estou no Projeto “Aprender não tem idade”, voltado para funcionários públicos que não tiveram oportunidade de freqüentar a escola por motivos diversos.

Apesar das mudanças terem sido cansativas, pois estar em atividade nos três turnos do dia chega a ser estressante, mas acredito que é compensador por acarretar novos aprendizados e saberes.

Após ter feito a inscrição para prestar o vestibular, senti que a ansiedade começava a tomar conta de mim, sobretudo porque já havia sido reprovada numa tentativa anterior, então comecei a me preparar. Comprei uma apostila na Unicamp, que abordava diversos assuntos pertinentes ao vestibular. O tempo era escasso, não havia espaço em minha vida para eu me dedicar mais, então fiz o que estava dentro de minhas possibilidades.

O resultado deste vestibular foi satisfatório, valendo a pena não ter desistido. Como sempre a ansiedade. Aí ela novamente, mas agora em saber como seriam os colegas de classe, os professores e as disciplinas. Preocupava-me muito minha formação, a aquisição dos conhecimentos para o meu bom desenvolvimento enquanto profissional da educação.

Percebi que os próximos três anos deveriam ser levados ainda mais seriamente por mim, para que meu aproveitamento fosse total. O privilégio em estar numa universidade considerada e reconhecida mundialmente, trouxe a mim um desejo de responder a altura em aproveitamento e participação.

Além de cursar a Unicamp em outros períodos do dia, dava aula no Ensino Fundamental e também para Jovens e adultos, ou seja, os três períodos estavam comprometidos considerando todos importantíssimos e necessários para mim. Desta forma, meus finais de semana ficaram tomados com leituras, pesquisas e trabalhos, mas me adeqüei a essa nova situação e hoje estou em fase de conclusão do curso tendo valorizado cada minuto de aprendizagem e aquisição de novos saberes.

2. RELATOS DE EXPERIENCIAS AFETIVAS VIVENCIADAS EM SALA DE AULA

“Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra abra as suas asas e voe!” (Parábola citada em livro de Leonardo Boff)³

Esta parábola evoca dimensões profundas do espírito, indispensáveis para o processo de realização humana: o sentimento de auto-estima, a capacidade de dar a volta por cima das dificuldades quase insuperáveis⁴. Cada pessoa tem dentro de si uma águia, assim vejo hoje meus alunos. Ela quer nascer (a águia metaforizando o aluno). Sente o chamado das alturas. Busca o sol. Uma águia tem dentro de si o chamado do infinito. Seu coração sente os picos mais altos das montanhas. Por mais que seja submetida a condições de escravidão, ela nunca deixará de ouvir sua própria natureza de águia que a convoca para as alturas sublimes. As pessoas que alçam vôo sublime são as que se recusam a deitar-se, a suspirar e desejar que as coisas mudem! Tais pessoas não reclamam sua sorte e tampouco sonham, passivamente, com algum navio longínquo que vai chegando para levá-la pra bem longe. Em vez disso,

³ <http://geocities.yahoo.com.br/galileon/sabedoria/motivada/aguia.htm><disponível em 22 de janeiro de 2006>.

⁴ ANEXO II – “A águia e a Galinha” – Leonardo Boff

visualizam em suas mentes que não são desistentes; não permitirão que as circunstâncias da vida as empurrem lá para baixo, e as mantenham subjugadas como galinhas.

A partir de agora outras experiências serão relatadas para que no final eu possa com o mesmo suspiro dizer o quão importante foi que eu não tenha me subjugado e pensado ser uma galinha em vez de águia, assim como agi com os meus alunos para sempre estimulá-los e acender o emocional para que eles próprios cressem nessa possibilidade.

Minha primeira experiência aconteceu ao assumir uma sala de aula de terceira série em 2003 na rede estadual. Deparei-me com uma situação corriqueira. Na sala de aula havia um aluno negro. Ele era inteligente, mas retraído, desorganizado e muito inseguro. Logo percebi que aquele tipo de comportamento era reflexo de uma rejeição. Ele não era aceito pelos demais. Entendi que daí em diante eu teria uma batalha árdua pela frente, um problema que não seria resolvido de imediato, mesmo assim segui em frente, pois esta não seria minha primeira experiência.

Comecei, então um trabalho de conscientização. Todo o dia ao iniciar as aulas procurava dialogar com os alunos, direcionando o assunto para a importância do respeito e do afeto, da liberdade de expressão, entre outros. Era um momento onde os alunos tinham liberdade para dar opiniões, contar casos, criticar enfim, de participarem da conversa. O aluno citado acima começou a sentir que poderia expor suas idéias sem sofrer retaliações.

No decorrer do ano percebi que ele estava mais solto, organizado e desempenhando melhor suas atividades. O progresso deste aluno chamou a atenção do pai. Ao comparecer nas reuniões ficava surpreso ao manusear os trabalhos do filho. Da mesma forma, a professora de reforço percebeu a diferença e mostrou-se satisfeita com o seu rendimento.

Minha segunda experiência relacionada à afetividade professor-aluno ocorreu no ano de 2005. Recebi em minha sala de aula de quarta-série três alunos que não conseguiam transcrever a letra imprensa para a cursiva. Eles conheciam a maioria das letras do alfabeto, mas tinham dificuldades em formar sílabas e escrever palavras com as mesmas.

O aluno L. era introvertido e só queria copiar o que estava pronto, por sentir-se mais seguro, enquanto o aluno P. era agressivo e revoltado. Segundo fui informada este aluno, da primeira a terceira séries era constantemente expulso da sala de aula. As reclamações eram

tantas que a presença da mãe era requisitada com frequência. Com o passar do tempo ele passou a chegar marcado de cinta, na sala de aula. O objetivo dos seus pais era em vão. Ele não deixava sua rebeldia e agressividade.

Além desses impasses outros alunos mostravam sua agressividade e desrespeito com a minha pessoa demonstrando que não tinham limites.

A maior parte daqueles alunos morava em favelas. Alguns eram filhos de pais separados, usuários de drogas, prostitutas. Outros eram filhos de famílias simples, distintas, trabalhadoras e de desempregados também.

Observando essas diferenças, compreendi que as atividades elaboradas teriam que satisfazer as necessidades de cada um. Através do comportamento dos alunos era notório que o lado emocional deles necessitava ser trabalhado com cautela, principalmente os alunos L. e P. que apresentavam defasagem no aprendizado e a baixa auto-estima acentuada.

Assumi, então a mesma postura do primeiro relato. O diálogo feito com prudência e respeito é fundamental para solucionar situações de conflitos. Acredito que é razoável proporcionar aos educandos, meios para que ele possa aceitar a si próprio com defeitos e qualidades e compreender o outro, respeitando sua individualidade.

Durante o ano letivo pude notar que os resultados das atividades desenvolvidas relacionadas ao lado afetivo e cognitivo eram gratificantes. A classe estava mais acomodada e quanto à interação entre os mesmos acontecia naturalmente de maneira progressiva e positiva. Senti uma satisfação ao encerrar o ano e ver os resultados gerais da sala, principalmente o progresso dos alunos citados que já estavam lendo, interpretando e produzindo pequenos textos. Além do relacionamento entre os alunos ter ficado mais tranquilo e aumentado o interesse com o objeto de estudo, tornaram-se críticos, participativos e mais tolerantes uns com os outros.

O terceiro relato foi vivido com alunos do ensino fundamental onde a necessidade em trabalhar o emocional era algo primordial para que o aprendizado fluísse de modo satisfatório.

Ao assumir algumas salas de terceira e quarta séries que por motivos diversos houve troca de professores por várias vezes afetando o comportamento e comprometendo o

aprendizado dos alunos. Com isso eles ficaram rebeldes. As professoras substitutas recusavam-se a trabalhar com a sala quando a professora efetiva faltava.

Os alunos se vangloriavam e diziam: “*Nós já mandamos três professoras embora e você é próxima*”. Sem contar as agressões verbais, mas mesmo assim procurava não perder o equilíbrio, pois poderia piorar a situação. Sabia que enquanto não estreitasse o elo que nos unia, não obteria sucesso.

Eu sabia que isso não aconteceria de um momento para outro. Há um tempo de adaptação que não dependia apenas da minha pessoa, mas do grupo como um todo.

Foram momentos penosos com incertezas, angústias, lágrimas e confrontos, mas em contra partida também me ajudou a crescer e compreender a importância da afetividade e do equilíbrio emocional.

No ensino de jovens e adultos a afetividade é algo que precisa ser trabalhada desde o início, porque são alunos que por não terem podido frequentar a escola na época de suas infâncias e só agora, com idade adulta (muitas vezes), vêm aprender a escrever o nome, sentem-se inferiores, humilhados, tímidos, nervosos, inseguros e fechados.

É preciso de muita cautela para lidar com eles, porque qualquer ato ou palavra mal empregada, e por eles mal interpretada, é motivo de desistência do curso ou dificuldade para o aprendizado.

O quarto relato é da aluna D. ela nunca havia frequentado a escola, mas começou a sua alfabetização sozinha pela vontade que tinha em aprender a ler e a escrever. Ao procurar a escola, foi matriculada na primeira série. A professora percebeu que ela poderia avançar para a segunda série, após algumas atividades realizadas. No início, D. retrucou por achar que não tinha condições, mas mesmo assim a professora passou-a pra a série seguinte, a qual eu era professora.

A aluna D. sentou-se na última carteira e sempre de cabeça baixa, fazia as tarefas em silêncio e com muita timidez. Com o passar dos dias ela foi se soltando e se abrindo mais para o diálogo, participava das discussões e mostrava-se menos receosa.

No decorrer do ano a aluna D. foi obtendo progressos e no final do segundo semestre ao folhear o caderno me chamou e falou sobre sua alegria em verificar seus progressos durante o curso, mostrando-se muito agradecida.

Os quatro relatos acima foram acontecimentos, que demonstraram a necessidade de sutileza no trato com o emocional dos alunos. Isso eu fui percebendo intuitivamente e só depois, em minhas leituras e pesquisas encontrei o respaldo teórico em PIAGET.

Segundo PIAGET (1962), é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência.

Entendo com isso que a condição, afetiva a que me dispus foi determinante nos relatos mencionados para que os alunos saíssem daquela situação de baixa auto-estima, mas PIAGET (1962), afirma que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas.

WALLON *apud* PIAGET 1962, afirma que a emoção é a fonte do conhecimento. E, que o afeto explica a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual, por isso, a afetividade não é condição suficiente na formação da estrutura cognitiva, ou seja, a sua construção possa ser motivada, e por conseqüência acelerada ou retardada por sentimentos, interesse e afeto.

O afeto pode levar a erros, e por causa de certos problemas afetivos, um aluno pode aceitar por um momento que sete mais cinco é igual a onze, ou treze e não doze. Mas isto não é uma estrutura equilibrada. Mesmo que o afeto leve a desvios momentâneos, fatores puramente cognitivos corrigirão eventualmente cada estrutura, independentemente do afeto, segundo este autor.

Os relatos citados por mim se enquadram, na minha opinião no aceleração da formação das estruturas cognitivas porque em todos eles há um elemento em comum: sentimento de inferioridade, baixa auto-estima, logo não se enquadram na segunda opção afirmada por PIAGET (1962), quando se refere aos obstáculos afetivos que possam levar ao retardamento da formação das estruturas cognitivas.

Em sala de aula percebo que ao demonstrar atenção ao aluno, ao enxergá-lo como um indivíduo que tem muito a aprender no campo teórico, mas que traz muito conhecimento do campo prático, consigo estabelecer um equilíbrio emocional, pois controlo desta forma sua auto-estima. Ele entende que sabe muito do que eu não sei, mas que muito tem a aprender comigo também.

ALMEIDA (1997), nos fala sobre as relações afetivas durante a troca de conhecimentos e que esta precisa acontecer por meio de uma interação entre professor aluno, conforme a seguir:

As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente na interação entre pessoas, portanto na relação professor-aluno; na relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente (ALMEIDA, 1997, p. 107).

Segundo ARANTES (2002), aos sermos solicitados a resolver problemas, a forma como organizamos nosso raciocínio parece depender tanto dos aspectos afetivos cognitivos, quanto dos aspectos cognitivos presentes durante o funcionamento psíquico, sem que um seja mais importante que o outro.

Portanto, o ambiente estável e seguro em sala de aula, são condições necessárias para que o ensino-aprendizagem ocorram e a atividade intelectual, portanto, seja facilitada.

2.1 A importância da afetividade no ensino e aprendizagem

Para WALLON (1978), a criança acessa o mundo simbólico pro meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende, ainda, que a afetividade é a fonte do conhecimento.

Pensando sob este aspecto faço a seguinte reflexão: o sistema educacional, ao elaborar os currículos, peca por não reconhecer os conhecimentos prévios destes alunos. Caso isso acontecesse, o aluno não teria tanto medo ou timidez ao entrar em contato com o objeto de estudo já que parte deste lhe é familiar e contextualizado em sua realidade. Os saberes

intrínsecos são resultados das práticas cotidianas as quais são adquiridas nos diversos grupos sociais freqüentados pelos mesmos.

A maioria das escolas, ao invés de aproveitar esses conhecimentos e elaborar atividades que venham ao encontro das experiências e expectativas dos alunos permitindo sua exteriorização, desconsideram o potencial destes, colocando tarefas prontas como pacotes contendo assuntos desestimuladores.

É assim, que na minha opinião surgem os alfabéticos funcionais, ou seja, os indivíduos programados para tornarem-se estáticos e não-dinâmicos, prontos a acatar ordens sem qualquer questionamento.

O descaso por parte das políticas educacionais gera retenções e evasões e cria situações de desconstrução de vidas que induz ou facilita a formação de futuros marginais.

FREIRE (1997), fala sobre a liberdade de ação e complementa a minha opinião:

As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pelas autoridades com que dialeticamente se relacionam (FREIRE, 1997, p. 59)

Isso me faz refletir também, a respeito de que os alunos precisam exercitar o pensamento, perguntarem a si mesmos, e duvidarem, experimentarem e não apenas seguir ordens ou fazer aquilo que o professor impõem.

De outro lado, o educador deveria refletir sobre sua postura mediante o sistema educacional vigente, isto é, analisar a política educacional adotada, seus objetivos e avaliar sua prática docente. Ao repensar sobre suas ações, teria a oportunidade de verificar se sua prática pedagógica contempla as necessidades do seu alunado, ou apenas satisfaz os interesse deste sistema falho, severo e descompromissado coma formação global do indivíduo.

Portanto, cabe ao professor lutar contra estas imposições e conscientizar-se que tem em mãos ferramentas apropriadas para transformar sem escravizar-se. Deve garantir a formação de cidadãos criativos, críticos e atuantes que venham a modificar esta sociedade excludente.

O aluno, por sua vez, deve estabelecer um elo de ligação com a comunidade escolar, não podendo ficar inerte diante dos acontecimentos, sendo ativo, colocando seus saberes adquiridos e com isso ultrapassando e penetrando a vida intelectual de todos que o cercam, conforme VYGOTSKY (1988, p. 99): *“O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que a cercam”*.

Entendo que as informações que o aluno recebe em sua trajetória de aprendizado não devam encerrar-se no recinto escolar, tornando-se útil apenas para solucionar alguns poucos conflitos em seus interiores, por isso enfatizo a transposição, o ir além e a interação com o meio.

De acordo com RONCA (1976), o ato de ensinar não se restringe apenas em transmissão de informações, isto é, em reconhecer e escrever os códigos que compõem uma língua. Para que ocorra a aprendizagem significativa é necessário que haja um relacionamento entre o conteúdo aprendido e aquilo que o aluno já sabe. Logo, a importância do aluno participar da elaboração do objeto de aprendizagem e saber o motivo da realização de determinadas atividades propostas fica assim justificada, pois cada ser freqüenta grupos sociais distintos, compostos de pessoas que pensam e agem e experienciam de maneiras diferenciadas.

Assim, torna-se indispensável à função do professor como mediador, realizando a tarefa de interação entre o indivíduo e o meio ao qual este está inserido, a fim de que ele vá constituindo-se enquanto ser humano que tem dúvidas, que quer ser ouvido, dar sugestões. Dentro desta perspectiva a afetividade deste aluno é trabalhada em harmonia como aprendizado escolar, contribuindo para motivar o aluno a conhecer e fazer descobertas.

ARANTES (2002, p. 160), parte da premissa que no trabalho educativo cotidiano, não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os alunos não deixam os aspectos afetivos do lado de fora da sala de aula quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou seja, (...) *“não deixam “latentes” seus sentimentos e afetos e relações interpessoais, enquanto pensam”*.

2.1.1 Conhecendo o próprio corpo

A auto-estima tem sido bastante enfocada no meu trabalho diário em sala de aula e assim sendo busco mediar, intervir de maneira a incentivar uma construção afetiva que viabilize harmonia em sala de aula.

Por isso, no segundo semestre de 2005 desenvolvi um trabalho em sala cujo objetivo foi elevar a auto-estima dos alunos através das atividades que contribuíram para o autoconhecimento e a valorização do eu de cada um.

Apliquei algumas tarefas propostas pela Professora Marilac durante as aulas do curso de Pedagogia do Proesf, cujo tema foi “sexualidade”. Embora polêmico este tema, é por mim considerado importante para que cada indivíduo se conheça e ao outro. Sendo o conteúdo da quarta-série “O corpo humano”, resolvi partir desse ponto para abordar o assunto sem constrangimentos para os alunos e de uma forma que ficassem à vontade para questionarem e exporem suas dúvidas, conforme ANEXO III⁵

Começamos com uma roda de conversa destacando os seguintes itens: relação sexual, gravidez, partes compõem o corpo humano e suas funções. No início senti que alguns alunos ficaram envergonhados, outros ansiosos, muito curiosos e poucos faziam perguntas. O livro “Quem pergunta quer saber” da Editora Brasileitura foi utilizado como disparador para o desenvolvimento das demais atividades⁶.

Era notório que todos tinham anseios em aprender o que conheciam de uma maneira distorcida ou desconheciam por completo. Para deixá-los mais à vontade sugeri que fizessem suas perguntas por escrito sem que fosse necessário a identificação e as colocassem numa caixa. Então, fui lendo uma a uma e esclarecendo, quando o aluno L. questionou se eu não reconheceria a letra. Procurei tranquilizá-lo, pois o intuito daquela atividade era de esclarecimentos. Este aluno foi o que mais colocou suas perguntas dentro da caixa.

Sobre isso, vale à pena citar FREUD *apud* LOURO (2001, p. 93), quando afirma que tinha em mente quando em seu próprio estudo inaugural sobre sexualidade, chamou as

⁵ ANEXO III – PUBERDADE: “Da lagarta à borboleta”

⁶ ANEXO IV – “Perguntas e Respostas” – Editora Brasileitura.

crianças de “pequenas investigadoras do sexo” ao observar que as crianças são curiosas a respeito de como produzir prazer a partir de seus corpos.

No decorrer das aulas percebi que o envolvimento dos alunos com o tema em discussão fluía naturalmente. Os alunos demonstravam tranquilidade ao se posicionarem durante as discussões. Estavam mais “soltos”, creio que esse momento foi interessante, pois o grupo estava mais dinâmico e interagindo dentro do maior respeito.

Conforme o tema foi sendo desenvolvido, percebi que as crianças realmente poderiam ser consideradas como investigadoras do sexo, pois a cada aula aguçava-se mais a curiosidade deles. Além das perguntas que surgiam, o diálogo entre as crianças abriu uma oportunidade para se estabelecer um vínculo afetivo entre eles.

Como este assunto é estimulante, deu margem para outras propostas de atividades, como por exemplo, de auto-aceitação. Com essa atividade promovi situações onde eles pudessem perceber que são diferentes uns dos outros tanto fisicamente, quanto emocionalmente, sem com isso haver inferioridade por isso. Todos temos qualidades, defeitos, capacidades e habilidades que se complementam.

Para a realização desta tarefa, pedi aos alunos que desenhassem o seu próprio corpo destacando a parte que mais lhes agrada e a parte que, de certa forma os incomoda, explicando o porquê. As respostas através dos desenhos foram bem diversificadas. Selecionei algumas para comentar e confesso que fiquei surpresa com o relato da aluna J. Ela é uma menina formosa, no entanto, negou-se a retratar seu perfil. Desenhou a prima como um referencial e disse que gostaria de ser igual a ela. Outro aluno que tem lábio leporino demonstrou claramente através do seu desenho, o seu complexo.

O aluno P. não quis participar da atividade inicialmente. Ele é negro e sua auto-estima é baixa, levando-o a pedir a um colega que o desenhasse com cabelos lisos e pele branca. Não percebi essa reação nas demais crianças negras da sala.

No término dessa etapa de atividades pude perceber que o fator gerador dessa insatisfação é o modelo imposto pela sociedade em que vivemos através da mídia que mostra que quem não se enquadra nas suas normas que exclui os diferentes.

Sendo assim o papel do professor, na minha opinião, é fundamental a fim de desmistificar e mudar o sentido desse modelo de pensamento. O ambiente escolar ao receber

essa diversidade cultural e comportamental necessita de um professor que facilite essa relação.

Em outra atividade proposta, cujo tema é “Nem tão azul, nem tão rosa” procurei criar uma polêmica entre os sexos e para isso. Neste texto problematizava-se o azul como cor masculina e o rosa, feminina⁷.

Durante as discussões, os meninos deixaram claro que a cor rosa fica bem apenas para as meninas. O menino ou homem que a usasse demonstraria ser afeminado. Algumas meninas, apenas concordavam com o fato do homem usar rosa.

A partir daí as meninas começaram a colocar situações que na opinião delas eram destinadas aos homens e outras, a mulheres. Aproveitando a ocasião propícia, perguntei-lhes como viam a atitude da colega G. matriculada numa escola de futebol. Para eles por ser quem era, uma amiga que jogava futebol no intervalo, não havia segundo eles, problema.

Partindo daí deu-se início a um processo de rompimento das barreiras que os levam ao preconceito. Por que a amiga pode jogar futebol sem ser masculinizada? Através dos diálogos os alunos começaram a perceber que o ser humano é igual e diferente, ao mesmo tempo. Cada um tem seu modo de ser, agir e pensar. Começaram a entender e respeitar as diferenças quanto às preferências seja por cor, esporte, etc.

Alguns alunos foram resistentes, mas a isso eu considero ao fato da cultura e modelo de educação que receberam, cabendo mais uma vez ao professor mediar, interferir, desconstruir e reconstruir determinados conceitos por entender que a infância é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade, na qual o poder sob várias formas vem coagindo corpos e mentes infantis mediante um mecanismo próprio que é a disciplina.

Entendo que essa rigidez quanto aos modelos disciplinadores faz com que os alunos tragam como bagagem, uma educação repressora e que em muitos casos acaba sendo reforçada nas escolas. Esses fatores interferem negativamente na aprendizagem, no vínculo afetivo do grupo. A reflexão e o diálogo são fundamentais para que os alunos libertem-se das dúvidas, temores e medos e possam juntos construir um ambiente que facilite a sensibilidade, a criatividade e a solidariedade.

⁷ ANEXO V - “Nem tão rosa, nem tão azul”: *Ser menino e ser menina*

Segundo ARAUJO (2001) um sujeito que constrói sua inteligência e sua identidade por meio do diálogo estabelecido com seus pares, com os professores e com a cultura da própria realidade do mundo em que vive são autores do conhecimento e não meros reprodutores daquilo que a sociedade decide que devam aprender.

Verifica-se que elo de ligação estabelecido entre educando-educador e a maneira de manipular o material de ensino-aprendizagem estabelecem condições afetivas favorecendo todo o processo que envolve aquisição de conhecimentos de maneira mais prazerosa.

O envolvimento dos pais no ambiente escolar, também é importante, então sugeri uma atividade de título: Interagindo: família-aluno e objeto de aprendizagem. Esta atividade me surpreendeu ao ver o envolvimento dos pais com o tema “Água ou Coca-Cola”⁸.

Em nossa sala de aula temos por hábito, trazer assuntos diversos interessantes para o grupo. E assim, certo dia o aluno M. encontrou na internet um texto que abordava os malefícios dos refrigerantes para o nosso organismo. Realçava a importância da água sendo considerada insubstituível para a saúde.

A leitura do texto seria oportuna para um debate, pois a maioria dos alunos, consumia muito o refrigerante Coca-Cola. A discussão chegou nas casas dos alunos. Os pais pediram cópias desse texto ao fim de inteirarem-se do assunto. Assim, percebi que os pais ficaram surpreendidos, também com as informações contidas naquele texto e resolveram diminuir a quantidade do refrigerante.

Desta maneira a experiência em facilitar a interação da família, do aluno e a escola trouxe como resultado uma troca muito rica, além de que o interesse dos pais pelos assuntos estudados, sem dúvida alguma, estimula e incentiva cada vez mais seus filhos em buscar conhecimentos, em dialogar com a família. A auto-estima e o vínculo afetivo deste tripé (aluno-família-escola) com certeza estarão fortalecidos.

2.2 Paulo Freire e sua contribuição para com a educação

⁸ ANEXO VI - “Água ou Coca-Cola”

Paulo Freire foi um pensador atuante, que fez da educação um instrumento humanizador de cunho prático e, ao mesmo tempo utópico. Adversário do pragmatismo que tende a transformar em técnica imediatista as operações do saber, ele via na educação um conjunto de forças cujo alvo era a liberdade individual e a transformação social. Para isso inventou técnicas de ensino que revolucionaram o nosso tempo e deixaram profundas marcas em setores da vida brasileira, animados do desejo sincero de procurar formas mais justas de convivência.

De acordo com CANDIDO *apud* FREIRE (2000), neste contexto educação rejeita a neutralidade pseudocientífica, porque está consciente de superar o simples aprendizado e adquire um cunho de radicalidade humanizadora ao privilegiar a iniciativa do educando.

Freire nasceu em Recife, PE, em 19 de setembro de 1921, bacharel em direito, dirigiu o Serviço de Extensão Universitário da Universidade Federal de Pernambuco e participou da fundação de círculos populares de cultura por todo o Brasil. Sua atividade como educador o levou a criação em 1961 do chamado “movimento de educação de base”, tomando forma seu método de alfabetização.

2.3 Vivenciando os ensinamentos de Paulo Freire

Iniciada minha carreira no magistério e trabalhando a educação de jovens e adultos tive o prazer e oportunidade de vivenciar os ensinamentos de Paulo Freire e assim entender o que ele tanto chamou de educação libertadora.

Desta forma, FREIRE (1969) nos fala sobre as medidas que compõem a política educacional libertadora, todas implementadas em termos massivos e que se têm constituído num veículo privilegiado para que essa política desempenhe mais uma das funções a ela atribuídas: a de controle social. De acordo com este autor, o conteúdo dos cursos de alfabetização e dos cursos supletivos às últimas séries de 1º grau, via rádio e TV, estão repletos de mensagens que legitimam o Estado e apresenta todo o tempo o discurso de grandeza. Seu objetivo é fazer os trabalhadores crerem na legitimidade das medidas de política econômica que excluem, sistematicamente, e, em decorrência disso, sirvam para a sedimentação do poder político através do apoio eleitoral ao partido do governo.

As aparências das medidas de política educacional, em todos os níveis, sugerem a existência de uma tentativa de reduzir os benefícios educacionais em proveito dos trabalhadores, já que contém as demandas ao ensino de 2º e 3º graus, disputados pelas camadas médias e pela classe dominante, e os libera no 1º grau, justamente o que interessa, de imediato, à classe trabalhadora.

Entretanto, os pontos comentados acima permitem que possamos verificar a convergência das políticas educacionais contenedoras e libertadoras no sentido do alcance de uma mesma e única meta: a reprodução das classes sociais e das relações de dominação que as definem, sustentam e dão vida.

Paulo Freire foi o principal representante desta fase da política educacional; seu pensamento está contido em diversas obras, entre as quais cabe mencionar *Pedagogia do Oprimido* (1969). Suas teses básicas sustentam que o pedagogo deve cuidar de libertar o homem das alienações a que a consciência dominadora o submete.

Em tal contexto entende-se o conceito de conscientização. O primeiro passo nessa direção é a alfabetização, entendida como aproximação crítica da realidade por meio da linguagem, "ato criador capaz de gerar outros atos criadores". A educação preconizada por Freire é, ao contrário da idéia de "educação para a domesticação", uma educação "para a libertação", ato de conhecimento e meio de transformação da realidade. Paulo Freire morreu em São Paulo em 2 de maio de 1997.

2.4 Freire e a educação de Jovens e Adultos, considerando a interferência do emocional na aprendizagem

Freire em seus escritos demonstrou sua indignação com as injustiças sociais, por isso sempre foi a favor da postura revolucionária que induz o indivíduo a ser um agente ativo de um processo radical de transformação do mundo. Entende que a rebeldia é uma forma de denunciar e criticar situações desumanas. Quando podemos contemplar os efeitos favoráveis em nossas vidas, prosseguindo em seu pensamento, Freire nos fala que podemos acreditar em nossos sonhos e construir um mundo sem distinção de classes sociais, raças ou credos. Uma sociedade onde todos possam usufruir seus direitos de maneira igualitária.

Mudar pe difícil, mas é possível que vamos programar nossa ação político-pedagógico. Não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica. Durante esse movimento de mudança favorece-se a abertura de um leque para aquisição de outros saberes indispensáveis. (FREIRE, 1997, p.81).

A preocupação de Freire enquanto educador girou em torno da prática educativa, pois a mesma, historicamente não pode ficar alheia às condições concretas do tempo-espaço em que o fato ocorre. Na sua visão é importante entender a presença dos seres humanos no mundo e suas relações com a história e a cultura.

Sendo assim, sob sua ótica, alfabetizar vai além da silabação ou memorização mecânica de letras e sílabas. É dele a seguinte frase que evidencia tal concepção: “(...) a necessidade dos alfabetizadores se exporem a substantividade misteriosa da linguagem à boniteza de sua própria fala, rica de metáforas” (FREIRE, 1997, p. 88).

Percebo que para Freire, erradicar o analfabetismo é um processo que vai além da leitura e escrita descontextualizada. Ele considera o aluno como um todo, principalmente o adulto que não possui o saber sistematizado, mas é dotado de conhecimento o qual constitui com experiências vivenciadas com a família, amigos, no trabalho ou em outro grupo social. Estes são provenientes de culturas diferentes, portanto, é necessário que a escola saiba como trabalhar essas diferenças para que todas as potencialidades do educando sejam desenvolvidas.

Já que o ensino voltado para o jovem e o adulto tem como objetivo elevar a auto-estima deste, faz-se necessário criar situações que favoreçam ocasiões que venham promover o desenvolvimento pessoal, emocional e profissional. Penso que eu e os demais colegas que lecionamos com o aluno-trabalhador, devemos assumir o compromisso com a formação humana e integral que objetive a plena aprendizagem, autonomia e a confiança pessoal ampliando com isso, sua visão de mundo.

Sendo assim, acredito que a escola é o espaço de formação de educadores e educandos nas múltiplas dimensões da formação humana: cognitiva, lúdica e estética. É o

espaço de construção de sujeitos críticos, de investigação permanente da realidade social e comprometida com a educação integral que possibilite a emancipação e autonomia democrática, aberta às manifestações sociais e culturais da comunidade.

É importante que este aluno-trabalhador compreenda que a sociedade da qual faz parte não é um todo orgânico e harmonioso. É desigual, injusto, atravessado por conflitos e contradições gerados pelas relações entre grupos e classes sociais, e desta forma entender que o homem-sujeito está situado no mundo para transformar esta realidade, consciente de estar capacitado a participar das mudanças diversas que emergem a todo o momento nos grupos sociais.

Portanto, é razoável que o trabalho pedagógico que atende a esta parcela da população (jovens e adultos) tenha como ponto de partir da prática social comum a professores e alunos, porque dessa prática que emergem os problemas e os conhecimentos necessários para resolvê-los.

Como já foi dito por mim, o professor deve ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, pois aprender é desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos organizando os dados da experiência.

Segundo LEITE E TASSONI (2002), na área educacional a crença de que a aprendizagem é social mediada por elementos culturais produz um novo olhar para as práticas pedagógicas. A preocupação que se tinha com “o que” ensinar (conteúdos das disciplinas), começa a ser dividida com o “como” ensinar (a forma de ou as maneiras).

Dentro dessa perspectiva, acredito que é coerente afirmar que a educação enquanto processo preocupado com a formação humana integral ensina a professores extrair conteúdos da aprendizagem ressignificando suas experiências conforme suas necessidades e interesses, podendo ou não transformar valores, crenças, habilidades, opiniões.

O jovem ou o adulto quando retoma o estudo não valoriza o que sabe. Sente-se inibido ao encontrar-se em situação onde é solicitado a dar sua opinião. No início, resiste a trabalhos em grupo, prefere isolar-se e realizar atividades individuais. Usam esses meios para não se expor frente aos demais, no entanto, é na escola que este aluno pode encontrar espaço de diálogo de problematização do cotidiano na busca da igualdade de condições, de

oportunidades, de participação, na busca de melhores condições de vida, conforme afirma GALVÃO (1995) ao citar WALLON:

Há momentos predominantemente afetivos, isto é, subjetivos e de acúmulo de energia. Sucedem outros que são predominantemente cognitivos, isto é, objetivos e de dispêndio de energia. É o que Wallon chama de predominância funcional. O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente das relações como mundo humano correspondem às etapas que se prestam à construção do eu (GALVÃO, 1995, p. 45).

E, a cada etapa vencida, espera-se que esse educando possa estar preparado para conhecer instrumentos básicos da cultura letrada que lhes permitam melhor compreender e atuar no mundo em que viveu, aumentando assim sua auto-estima, fortalecendo a confiança na sua capacidade de aprendizagem e que o mesmo venha valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social.

Encerro com FREIRE (1997 p. 85): “Programados para aprender e impossibilitados de viver sem referências de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”. Basta querermos, nós professores e eles os alunos.

CONCLUSÃO

A minha participação durante estes três anos do Curso PROESF (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas) trouxe como crescimento, os instrumentos que favoreceram para que eu me tornasse mais crítica do meu papel enquanto educadora e da ação pedagógica, através das leituras reflexivas, dos debates, seminários e palestras.

Foram ricos os momentos compartilhados com os professores e colegas de curso, nas trocas de experiências significativas do nosso cotidiano. O transcorrer do curso e as relações estabelecidas entre as diversas disciplinas, contribuíram para que eu refletisse melhor sobre as ações que resultassem em uma educação onde a valorização e o respeito da diversidade cultural, à minha frente, fossem levadas em consideração.

Hoje sei que devemos ter diferentes olhares e que em cada novo olhar temos uma nova descoberta, sendo interessante não só o que se olha, mas o jeito como se olha. Vejo-me com desconfiança sobre o que sei e sobre o que aprendi.

As teorias de hoje que nos revelam o paradigma da complexidade, onde o conhecimento é mutável, me fez repensar a educação e o perfil do educador. Trouxe também, motivos para refletir sobre as possibilidades de fazer leituras críticas a respeito de todos envolvidos como: política, sociedade, afetividade, economia enfim também os co-adjuvantes desta história que não se reduz a educador e aluno.

No momento penso que se a vida é aprendizado e este é movimento, este curso movimentou não só a minha vida, como também o que é significativo nela, ou seja, os meus alunos. A afetividade, portanto, sempre pareceu ligada à minha Educação e ela sempre esteve presente quando o cenário, de certa forma se inverteu, ou seja, de aprendiz me tornei educadora.

Acredito que continuo nesse movimento de aprendizados, sem a pretensão em afirmar que esteja pronta, mas por outro lado sinto-me muito mais segura tendo como prioridade os meus alunos, consciente que na medida em que eles crescem como sujeitos, cresço também. Na medida em que sentem prazer no aprender, sentem-se valorizados, adquirem autoconfiança e assim fortalecem-se para transformar sua realidade, partindo da compreensão de sua realidade através do estudo.

Considero, portanto, de fundamental importância às relações afetivas pelas quais passei, como geradoras de enriquecimento próprio, mas também daqueles que comigo estiveram relacionados (alunos, comunidade, família). Entendo que ao lembrar das minhas experiências carregadas de emoção, este impacto e toda a preocupação colaborou para a construção que faço de um novo EU. Todas as lutas por mim enfrentadas, todas as barreiras por mim removidas fizeram de mim uma profissional que valoriza o elo afetivo com os alunos porque sabe onde quer chegar e por experiência próprias, pode gritar é possível seguir um sonho. Eu segui e o alcancei.

Finalizo com LAROCA (2002, p. 41) que muito bem descreve este momento ao falar de Freire: *"(...) ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujos contornos não discerne"*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon.
Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, nº 2, mai-ago, 1997.

ARANTES, Valéria Amorim. **A afetividade no cenário da educação**. In: OLIVEIRA, Marta Kohl; SOUZA, Denise T. R.; REGO, Teresa C., (Orgs.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

ARAUJO, Ulisses F. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____ **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1995.

LAROCA, Priscila. **Problematizando os contínuos desafios da psicologia na formação docente**. In Psicologia e formação docente: desafios e conversas. GURGEL R. & SADALLA, Ana M. F de Aragão. (org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEITE, S. A. S. e TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Em Azzi, R. e Sadalla, A. M. F. (Orgs) Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias e Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PIAGET, Jean. **Relação da Afetividade com a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança**. Trad. Magda Medeiros Shu. Publicação original em língua inglesa, 1962. vol. 26, no 3, acesso disponível em <http://www.ufrgs.br/faced/slomp/edu01136/piaget-a.htm> em 02 de fevereiro de 2006.

RONCA, A. C. C. **O efeito dos organizadores prévios na aprendizagem significativa de testes didáticos**. Tese de Mestrado, PUC, SP, 1976.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALLON, H. (1978) **A Evolução Psicológica da Criança**. Edições 70, Lisboa.

ANEXO 1

“Apesar de você” – Música de Chico Buarque” (1970)

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juro, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro
Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
De desinventar
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar

Na sua frente

Apesar de você

Amanhã há de ser

Outro dia

Você vai se dar mal

Etc. e tal

ANEXO 2

“A Águia e a Galinha” – (Parábola citada em livro de
Leonardo Boff)

<http://geocities.yahoo.com.br/galileon/sabedoria/motivada/aguia.htm>. <acesso em 05 de janeiro de 2006>

“Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei / rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

– Este pássaro aí não é uma galinha. É uma águia.

– De fato, – disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

– Não – retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia.

Este coração a fará um dia voar às alturas.

– Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

– Já que de fato você é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

– Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

– Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia.

Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

– Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

– Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

– Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

– Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra, abra as suas asas

e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento..."

Esta parábola evoca dimensões profundas do espírito, indispensáveis para o processo de realização humana: o sentimento de auto-estima, a capacidade de dar a volta por cima das dificuldades quase insuperáveis.

Cada pessoa tem dentro de si uma águia. Ela quer nascer. Sente o chamado das alturas. Busca o sol.

Uma águia tem dentro de si o chamado do infinito. Seu coração sente os picos mais altos das montanhas. Por mais que seja submetida a condições de escravidão, ela nunca deixará de ouvir sua própria natureza de águia que a convoca para as alturas sublimes.

As pessoas que alçam vôo sublime são as que se recusam a deitar-se, a suspirar e desejar que as coisas mudem! Tais pessoas não reclamam sua sorte e tampouco sonham, passivamente, com algum navio longínquo que vai chegando para levá-la pra bem longe. Em vez disso, visualizam em suas mentes que não são desistentes; não permitirão que as circunstâncias da vida as empurrem lá para baixo, e as mantenham subjugadas como galinhas.

Vamos, voe... Voe e vença, ocupe o lugar a que é seu no alto do penhasco.

"A águia gosta de pairar nas alturas, acima do mundo, não para ver as pessoas de cima, mas para estimulá-las a olhar para cima" (Elisabeth Kübler – Ross)

ANEXO 3

PUBERDADE: “Da lagarta à borboleta”

ANEXO 4

“Perguntas e Respostas“- Editora Brasileitura

ANEXO 5

“Nem tão rosa, nem tão azul”

ANEXO 6

“Água ou Coca-Cola”-

http://campogrande.grupoinformativo.com.br/blog/artigos/2005_10_01_icg-artigos_archive.html

ÁGUA...

Um copo de água corta a sensação de fome durante a noite para quase 100% das pessoas em regime. É o que mostra um estudo na Universidade de Washington. Falta de água é o fator nº. 1 da causa de fadiga durante o dia. Estudos preliminares indicam que de 8 a 10 copos de água por dia poderiam aliviar significativamente as dores nas costas e nas juntas em 80% das pessoas que sofrem desses males. Uma mera redução de 2% da água no corpo humano pode provocar incoerência na memória de curto prazo, problemas com matemática e dificuldade em focalizar um écran de computador ou uma página impressa. Beber 5 copos de água por dia diminui o risco de câncer no cólon em 45%, pode diminuir o risco de câncer de mama em 79% e em 50% a probabilidade de se desenvolver câncer na bexiga. Você está bebendo a quantidade de água que deveria, todos os dias?

COCA-COLA...

Em muitos estados nos EUA as patrulhas rodoviárias carregam dois galões de Coca-Cola no porta-bagagens para serem usados na remoção de sangue na estrada depois de um acidente. Se você puser um osso numa tigela com Coca-Cola ele se dissolverá em dois dias. Para limpar casas de banho: despeje uma lata de Coca-Cola dentro do vaso e deixe a "coisa" decantar por uma hora e então dê descarga. O ácido cítrico na Coca-Cola remove manchas na louça. Para remover pontos de ferrugem dos pára-choques cromados de automóveis esfregue o pára-choques com um chumaço de papel de alumínio (usado para embrulhar alimentos) molhado com Coca-Cola. Para limpar corrosão dos terminais de baterias de automóveis despeje uma lata de Coca-Cola sobre os terminais e deixe efervescer sobre a corrosão. Para soltar um parafuso emperrado por corrosão aplique um pano encharcado com Coca-Cola sobre o parafuso enferrujado por vários minutos. Para remover manchas de graxa das roupas despeje uma lata de Coca-Cola dentro da máquina com as roupas com graxa, adicione detergente. A Coca-Cola ajudará a remover as manchas de graxa. A Coca-Cola também ajuda a limpar o embaçamento do pára-brisa do seu carro. Para sua informação: O ingrediente ativo na Coca-Cola é o ácido fosfórico. Seu PH é 2,8. Ele dissolve uma unha em cerca de 4 dias. Ácido fosfórico também rouba cálcio dos ossos e é o maior contribuinte para o aumento da osteoporose. Há alguns anos, fizeram uma pesquisa na Alemanha para detectar o porquê do aparecimento de osteoporose em crianças a partir de 10 anos (pré-adolescentes). Resultado: Excesso de Coca-Cola, por falta de orientação dos pais. Para transportar o xarope de Coca-Cola, os caminhões comerciais são identificados com a placa de Material Perigoso que é reservado para o transporte de materiais altamente corrosivos. Os distribuidores de Coca-Cola têm usado a Coca para limpar os motores de seus caminhões há pelo menos 20 anos. Mais um detalhe: A Coca Light tem sido considerada cada vez mais pelos médicos e pesquisadores

como uma bomba de efeito retardado, por causa da combinação Coca + Aspartame, suspeito de causar lúpus e doenças degenerativas do sistema nervoso. A pergunta é: "Você gostaria de um copo de água ou um copo de Coca-Cola?"